



Imagem: Pedro Varela, *Cota 10*, projeto premiado em 1º. lugar no Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel 2015.

Arquitetura contemporânea brasileira: diagnósticos e desafios

Relato do debate

Este debate contou com a presença dos arquitetos Abílio Guerra, Carlos Teixeira e Shundi Iwamizu – integrantes do júri da segunda edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, e teve como mediadora de Priscyla Gomes¹. Com o intuito de refletirem sobre a prática arquitetônica atual no Brasil, suas falas procuraram iniciar um debate sobre as tomadas de decisões que norteiam distintas etapas de elaboração de um projeto por meio dos aspectos que balizaram a seleção da edição anterior do Prêmio. Entre esses aspectos, abordaram fatores que concernem ao cotidiano urbano, a ênfase da experiência no espaço vivenciado e a valorização das especificidades dos locais em que os projetos se inserem, considerando o campo ampliado da arquitetura.

¹ Priscyla Gomes é arquiteta formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Desde a graduação, pesquisa a relação entre a arquitetura e as demais artes, tema atual de sua pesquisa de Mestrado na Universidade de São Paulo. Atualmente integra o Núcleo de Pesquisa e Curadoria do Instituto Tomie Ohtake, onde curou exposições como *Medos Modernos*, *V Mostra 3M de Arte Digital* e atuou como produtora e assistente editorial em uma série de exposições e publicações dentre elas *Arquitetura Brasileira*, *Louise Bourgeois*, *Jasper Johns* e *50*.

Abílio Guerra² destacou algumas questões que emergem atualmente na disciplina da arquitetura. Inicialmente, ressaltou que a arquitetura sempre esteve vinculada aos mecanismos do controle e do poder constituído à luz das proposições sobre a sociedade disciplinar de Michel Foucault e da ideia dos estabelecimentos humanos discutida por Le Corbusier. Entretanto, defendeu o desenvolvimento de ativações pelas brechas nos campos de possibilidade³. E, lembra um exemplo que sempre cita: quando Niemeyer propôs a marquise do Ibirapuera ainda não havia o skate, mas o arquiteto pensou aquele espaço de sombra para privilegiar a experiência e o compartilhamento.

A partir disso, Abílio apresenta três aspectos da sociedade contemporânea que poderiam alimentar um arsenal de ideias de como se projetar a cidade. O primeiro deles refere-se às formas de atuação das articulações coletivas presentes na cidade, nas quais emerge uma espécie de “atuação direta” que interfere no hábito que há em nosso país de petição ao Estado para qualquer demanda de intervenção. Nesse sentido, citou exemplos de atuações diretas como o movimento Ocupe Estelita (Recife) ou a defesa do Parque Augusta (em São Paulo) que de certa forma clamam pela exigência que os deixem fazer algo (em vez de pedir para fazer). Também comentou o caso da ciclovias da Avenida Paulista em que os ciclistas se organizaram e lutaram pela sua implementação vários anos antes.

Abílio também considerou sobre a demanda habitacional brasileira e sobre a questão dos espaços públicos e de uso comum. Defendeu a importância de pensar estes aspectos coletivamente – como cuidar, como manter – por toda a sociedade civil, que inclui o indivíduo, os grupos organizados e o poder constituído. O terceiro tópico observado pelo palestrante consistiu numa reflexão sobre a dinâmica de ocupação da cidade que incluísse o ponto de vista do pedestre e a escala infraestrutural. Para Abílio, isso seria uma demanda interessante a ser pensada pelos arquitetos, indo além da mobilidade (ir de ponto A para o ponto B). Chamou a atenção para a percepção, dentro dessa rede infraestrutural, de uma das questões mais negligenciadas pela arquitetura: a calçada, “sistema de comunicação básico”.

² Abílio Guerra é arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo PUC-Campinas, mestre e doutor em História pelo IFCH Unicamp. É editor da Romano Guerra Editora e do Portal Vitruvius e professor da FAU Mackenzie.

³ Sobre essa temática, veja o relato da palestra *Biopolítica e Subjetividade* de Peter Pál Pelbart neste mesmo blog.

Sobre isso, citou o arquiteto argentino Alberto Varas e seus apontamentos sobre a necessidade de se “arquitetizar a infraestrutura”.

Por fim, Abílio relatou que durante o júri que participou, constataram uma certa dificuldade dos projetos participantes discutirem essas questões sobre a sociedade contemporânea. É claro que houve exceções, que foram premiadas. Com essa sugestão de possibilidades, o arquiteto finalizou sua apresentação enfatizando que deve-se prestar atenção ao fato de que a cidade está sendo ocupada.

Carlos Teixeira⁴ relatou sua experiência como júri do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel. Observou que uma boa parte dos projetos inscritos tratavam-se de realizações do setor privado (mais de 50% eram de casas). Como este prêmio contempla apenas projetos já finalizados, para o palestrante, este dado pode ser a evidência de uma certa ausência do patrocínio do poder público para uma arquitetura urbana no país. Entretanto, mesmo assim, relatou que a comissão de seleção do prêmio buscou encontrar algum tipo de mensagem urbana em projetos que pudessem falar algo sobre a cidade. Sob o ponto de vista da sua experiência profissional específica, recorreu a sua longa pesquisa sobre vazios urbanos para ajudar a construir os parâmetros de seleção.

Carlos comentou que o trabalho classificado em primeiro lugar, *Cota 10* proposto por Pedro Varela, é uma espécie de projeto que ocorre pouco no país, na medida em que consiste em um urbanismo efêmero ou urbanismo faça-você-mesmo que não é incentivada por nenhum programa nacional. Como contraponto, lembrou que os trabalhos apresentados na última Bienal de São Paulo foram uma possibilidade de uma expressão em que o arquiteto assume o papel “não como aquele que espera a convocação de um cliente, mas que toma atitude de ele mesmo ser o cliente e realizar algum tipo de transformação urbana para a cidade”. E ressaltou sua esperança na possibilidade da próxima Bienal trazer mais evidências desse “arquiteto que assume certos riscos, aquela pessoa que ela mesma intervém”.

Carlos relatou sua surpresa na percepção dos projetos dos primeiros colocados, desejando que isso sirva como uma possibilidade de divulgar mais as explorações arquitetônicas experimentais. Por fim, sugeriu uma atuação menos rígida entre os profissionais da arquitetura, considerando o que outros agentes

⁴ Carlos Teixeira é arquiteto formado pela Escola de Arquitetura da UFMG e mestre em urbanismo (distinction, Architectural Association). É fundador do escritório Vazio S/A Arquitetura e Urbanismo.

culturais – como coreógrafos, músicos, artistas plásticas – já estão apontando com mais liberdade sobre os pontos críticos da cidade.

Shundi Iwamizu⁵ defendeu a importância do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, considerando que o seu ponto de vista é da mesma geração de quem concorreu (a idade máxima que limita as inscrições é de 45 anos) e reconhece os dilemas que são peculiares dessa época. Sua reflexão dialogou com o que Abílio Guerra e Carlos Teixeira apresentaram, evidenciando o embate entre a tradição de arquitetura brasileira e as novas formas de pensar essa disciplina, expandindo-a para o contato com outras artes e envolvendo “uma espécie de guerrilha urbana”, que não espera o cliente.

Shundi deteve a sua fala sobre questões que transpassaram os 10 trabalhos selecionados: uma relação de arquitetura e paisagem, as dicotomias entre a arquitetura e o poder público, o escritório junto a incorporadora imobiliária e instalações efêmeras que discutem a problemática do urbano. O palestrante ressaltou, entretanto, que toda essa diversidade também deixou de lado muitos projetos interessantes.

Shundi contou que, independente da escala e das formas de fazer dos projetos, a comissão de seleção buscou trabalhos que valorizassem uma relação com o meio urbano, considerando a dificuldade de um jovem arquiteto realizar projetos que extrapolem a situação residencial. Defendeu as possibilidades de pensar a questão urbana por meio de projetos de pequena escala – como uma cadeira ou uma casa – pois nem sempre basta a arquitetura resolver questões de ordem métrica e construtiva. Por fim, relatou a dificuldade de escolher os 10 premiados e informou que o júri buscou um equilíbrio entre as temáticas e que evitaram escritórios que já tem uma produção bem consolidada de obras monumentais que deveriam ser avaliadas em outra condição que não a desse prêmio.

⁵ Shundi Iwamizu é arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. É sócio do escritório SIAA, e atualmente é docente na Escola da Cidade.